

A VONTADE NASCIA

A procissão pela juventude —
quanto mais raro
mais extremo. Na manhã, em direcção ao
rio: o pedagogo, o escravo
o amigo.

Quando estendeu os braços,
a oferenda, modulação ardente. Vestia a idade
adulta. Vergasta de loureiro
tomilho novo.
Tomou a voz do mármore
na moldura do rosto
pedra do corpo,
o mando da vontade —
trapo de lã forceja os cabelos —
esteio a rasgar a clareira do mar

o chão escutador, milenar, das oliveiras.

NA TERRA NEGRA

Afastou-se para o altar
nos confins
da cidade. Ergueu a taça
murmurou a libação

o vinho, o sangue do sacrifício
torvaram a terra seca de cardos.

Junto à pedra de ara
bateu-lhe a sede, o sol.
Enfriou o vento pela noite
aceso o fogo
trouxe num clareio

aquele que entregara
de olhos impuros
a um golpe.
O sangue infindou-se na terra. Agora

a imagem voltou, por instantes, de outro jeito
cobra grossa que
aperta e estrangula sem o ímpeto
de quando lutavam e fugiam
a par e passo
para muitas partes da alma.

Face e corpo esvaneceram.
A mesma faca pela sua mão rasgou
o sangue correu, saudosos
cativo do remorso e da crueza. Não merecera mais a vida.

O CORTEJO SAÍA DE ATENAS

Caminho íngreme
tojo amarelo esmagado
sob a sandália
cordão branco sobre
pedra branca.

A neve do alto inverno.
Longe, a presença
do perfeito e morto
— o tempo das colheitas
distante, o meio-dia

de setembro que traria
o rapaz sagrado. O cortejo
de Elêusis saía de Atenas
sob o grito invocador
da batalha que foi em

Salamina. Iacos, quer dizer
grito; iacos quer dizer rapaz.
Era o rapaz o grito que
seguiam. A neve do cimo
do inverno

não deixa ver
o quase deus. Sem
cansaço — grito, tocha a
arder pela noite da corrida
na planura queimada gelo.

Campo branco sem limite —
cegou a corrida
dos que dançam até Elêusis

farrapos de roupa, brandos corpos

— a neve do inverno não
tem princípio. É
o ardor da própria luz.

IKARÍA

Maratho
Frantato
Raches 9
Kampos 7

Montanha, mar bravio
a Vespa subiu o último anel serpeante da
estrada, quase até ao cimo. Num maciço de
zimbros a penugem de ave ainda presa
do morrinhento voo
de Ícaro — para onde nos atrai o azul?
Em Kampos, quando procurava as ruínas
do palácio bizantino, dei comigo a
tomar café no bar do partido comunista.
Entre os muros derrubados
viveram o exílio
nobres caídos em desgraça, senti-me
ao seu serviço ao empurrar a tosca porta
sob o vermelho KKE —
Lágrimas
Sangue do coração
Pólvora
percebi estas palavras.
Guardo-as, de quem as disse,
roubadas a um escrínio de prata.